

RESENHAS/REVIEWS

Antônio Pedro TOTA¹

CROSBY, A. W. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900*. Trad. José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 320p.

Comecei a leitura do *Imperialismo ecológico* com certo receio de estar diante de mais um texto produzido por um "fundamentalista ecológico", para usar a expressão de Robert Kurz, ou, no mínimo diante de um texto doutrinário detectando os nossos já conhecidos "vilões" imperialistas responsáveis pelas nossas desgraças.

Nem uma coisa, nem outra. O leitor começa uma verdadeira viagem capitaneada por Alfred Crosby, muitas vezes obnubilado pela perspectiva de um horizonte sem fim, como os marinheiros escandinavos que chegaram pela primeira vez à América na *Greenland*; ou como os navegadores portugueses e suas trapalhadas na conquista da Ilha do Porto, sendo posteriormente expulsos pelas centenas de milhares de coelhos que eles mesmos trouxeram.

Mas essa obnubilação vai se desfazendo na medida em que as Neo-Europas, como Crosby chama os "assentamentos" de europeus em outras partes do mundo, que guardam bastante semelhança com a "mãe" metrópole, vão se consolidando a altíssimos custos tanto para os que chegavam como para os que já habitavam as regiões conquistadas. Custos aqui, não só no sentido de perda de vidas no combate corpo-a-corpo entre invasores e invadidos, entre homens. Crosby lembra que embarcaram também nos navios dos europeus, de ervas daninhas, como a urtiga, ao avassalador vírus da varíola, que fez muito mais na batalha contra os astecas do que os canhões de Cortês.

A varíola foi, sem dúvida, nos levantamentos feitos por Crosby, uma das mais importantes armas no combate aos indígenas da América e da Oceania. Uma descrição feita por um viajante citado por Crosby dá bem uma idéia do impacto da doença sobre

1. Departamento de Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14880-900 - Araraquara -SP, e Departamento de História da PUC-SP.

as populações indígenas: "Algumas vítimas tombavam tão facilmente com essa doença que, no final, não podiam mais se ajudar uns aos outros ... alguns arrastavam-se de quatro para obter um pouco d'água, às vezes morrendo pelo caminho..."

O que se pode questionar no trabalho de Crosby é a preocupação do autor em produzir um texto mais acessível, para além dos muros da academia, o que é louvável, mas passagens como "Espera-se que o cavalo também tenha sido bem recebido e tenha ganho um bom afago e uma meia hora extra no pasto" bem que poderiam ser evitadas. Um outro ponto que me chamou atenção foi o fato de que Crosby se utiliza principalmente de depoimentos e documentos de viajantes. E, portanto, parece desconhecer a obra de Spix e Martius. O que se pode dizer em defesa do autor é que os "nossos" viajantes não registraram a fauna e a flora das Neo-Europas. No entanto, em outras passagens ele se refere ao Brasil, não neo-europeu.

Um dado notável é que o autor consegue detectar todos os níveis de resistência dos "invadidos". Uma das formas foi uma espécie de guerra sexual entre nativos e invasores: " em Goa, na Índia, o 'desejo insaciável' das nativas cujas exigências a um homem podiam reduzi-lo a pó e varrê-lo como poeira".

Em algumas passagens tem-se a impressão que Crosby vai sucumbir às exigências politicamente corretas da academia americana, como na passagem em que cita o depoimento de um ianomami, na página 176: "...se os brancos nunca tivessem existido, a doença também nunca teria existido". No entanto, em outras passagens o caráter politicamente correto é superado, quando o autor diz que "...imaginar que as Neo-Europas, hoje absolutamente repletas de neo-europeus e outros povos do Velho Mundo, tenham tido outrora imensas populações nativas que foram eliminadas por doenças importadas exige uma grande falta de imaginação histórica" (p. 186).

Enfim, fica a impressão, bastante instigante aliás, de que se deu um imenso combate entre protozoários, ervas daninhas, pestes e animais roedores contra outras pestes, ervas daninhas e outros bichos. Quando a poeira da batalha assentou, viu-se que os exércitos dos brancos saíram ganhando. Mas permanece um grande ponto de interrogação, como naquele filme de ficção científica anticomunista de 1957, *A bolha assassina*.